

1232 Lembrança do
Rapazinho

RUBEM BRAGA

TINHA quinze anos, era magrinho, e trabalhava em um botequim da rua do Cateite, mas morava em Terra Nova, uma estação da Linha Auxiliar, para lá de Del Castilho. Aquela noite estava muito cansado, com um começo de gripe, e sentiu que ia piorar, porque caía uma chuvinha miúda e o bonde demorava. Quando chegou à estação Francisco Sá, estava quase na hora do trem sair, os passageiros todos já estavam dentro dos carros. Deu graças a Deus, porque se perdesse aquêle trem teria de esperar o de 1 hora — uma espera mortificante, dolorosa.

Tinha no bolso cinco mil e tanto, e resolveu tomar um café da estação. De repente entraram três soldados bêbedos, começaram a comer bolos, e um disse para ele: «Você vai pagar isso tudo». Ficou olhando. «Eu?» O soldado berrou: «Você não disse que pagava?» E deu um passo em sua direção. O rapazinho ainda pensou que fosse brincadeira, mas logo levou um murro violento na cara. Caiu no chão. O soldado avançou para ele, gritando um palavrão. Viu, com terror, que o soldado puxava um revólver; levantou-se e saiu correndo como um louco, saltando por cima da borboleta da estação. Ouvia um tiro e um ruído de vidros quebrados, e sentiu que ainda estava sendo perseguido.

Havia um canto escuro, junto de um muro. Escondeu-se ali. Os três soldados passaram sem olhar, e seu susto era tão grande que só então reparou que estava com os pés metidos até os tornozelos numa poça d'água. Tomou coragem para voltar para a estação. Soube então que o chefe da trem estava com a lanterna na mão para dar o sinal de partida ao maquinista quando o soldado puxou o revólver; jogara a lanterna em cima d'ele e recebera um tiro no braço.

Tinha aparecido um soldado da Polícia Militar, um negro forte, que queria saber o que acontecera. Apresentou-se a ele e explicou que tinham sido três soldados do Exército bêbedos que queriam que ele pagasse a despesa. «O senhor correndo por ali ainda é capaz de pegar eles». Mas o **meganha** não estava muito disposto a isso, e, subitamente, no meio da conversa com o pessoal da estação, virou-se para ele e disse, irritado: «Mas também por que é que essa porcaria desse menino não pagou o café para os homens?»

Era um homem de trinta e poucos anos, meio gordo, com um ar próspero, que me **contava** essa história. Virou mais um copo de bebida e juntou:

«As vezes eu fico ouvindo conversa sobre justiça e injustiça. Muita gente se espanta de que muitas vítimas de injustiças não se queixem, não procurem-se vingar. Essa gente não sabe o que é o amargor da humilhação de sofrer uma injustiça, de sofrer a violência, o medo. Essa história que eu contei aconteceu comigo mesmo há mais de quinze anos. Quando o soldado disse aquilo eu fiquei quieto, me encolhi, me atastei, depois fui saindo, tremendo de medo, até que cheguei à rua e saí correndo debaixo da chuva que apertara. Lembro-me de que esperei um bonde na Praça da Bandeira. Em Terra Nova ainda tive de andar mais de um quilômetro num caminho escuro, tiritando de frio, tossindo. E não contei essa história, nem lá onde eu morava, nem no serviço. Nunca mais voltei à estação Francisco Sá, porque ouvi dizer que estava havendo um inquérito, e tive medo. Escondi essa história como se fosse um crime ou uma vergonha, durante muitos anos».

De repente o homem parou de falar, como se se sentisse ridículo, disse um palavrão à toa, chamou o garçom com um berro, pediu outra bebida.

em 23.4.52

Redin Jan 64

beiture nº 14
1958

M 601

FLU, mar 79

16. 1. 67